CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
3 e 7 de setembro de 2026

RAGING BULL / 1980
O Touro Enraivecido

um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Paul Schrader e Mardik Martin, a partir de "Raging Bull" de Jake LaMotta / Fotografia: Michael Chapman / Montagem: Thelma Schoonmaker / Direcção Artística: Gene Rudolf / Guarda-Roupa: Richard Bruno e John Boxter / Música: Pietro Mascagni (trechos orquestrais de "Cavalleria Rusticana", "Guglielmo Ratcliff" e "Silvano"), canções várias de autores americanos / Interpretação: Robert De Niro (Jake LaMotta), Joe Pesci (Joey), Cathy Moriarty (Vickie), Frank Vincent (Salvy), Nicholas Colasanto (Tommy), Theresa Saldana (Lenore), Mario Gallo (Mario), Frank Adonis (Patsy), Joseph Bono (Guido), Frank Topham (Toppy), Lori Anne Flax (Irma), Charles Scorsese (Charlie), Don Dunphy (ele próprio), Bill Hanrahan (Eddie Eagen), Rita Bennett (Emma), etc.

Produção: Irwin Winkler e Robert Chartoff, com Peter Savage, para a United Artists / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto & branco e cor, legendada em português, 125 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 7 de Novembro de 1980 / Estreia em Portugal: ABC Cine e São Jorge, a 19 de Março de 1981.

"Much more boxing than we wanted", foi como Martin Scorsese qualificou a primeira versão do argumento de **Raging Bull**, insistindo, em seguida, junto dos argumentistas, para que "doseassem a coisa" de modo a não cansar o espectador. Mas o que é facto é que, apesar de alguns recursos cinemáticos engenhosos para resumir em *son et lumière* um ou outro encontro de pugilistas, o filme continua (para certos gostos, pelo menos) com *"much more boxing than we wanted"*. Sobretudo cansativa avulta a forma como muitas sequências mais intimistas se transmudam repentinamente em cenas de pugilato com um murro súbito que faz com que o espectador salte na cadeira. Uma vez, sim: lindo efeito; duas vezes, já cansa. Mas o que não se pode dizer é que as cenas, em que vemos Jake (Robert De Niro) a exercer publicamente a sua profissão (pois em público ou em privado, a violência é sempre a única forma que Jake tem de se expressar e/ou de se auto-definir), não são consistentemente imaginativas em termos cinematográficos: mesmo quando a luta é apresentada de uma forma estilizada (às vezes em câmara lenta), fica sempre patente que Scorsese é um dos cineastas mais genuinamente criativos e originais do cinema americano.

E esta é uma realidade que temos de manter em primeiro plano ao falarmos acerca de **Raging Bull**, pois se há muito para admirar no filme, há muito, também, que nos deixa perplexos e nos coloca problemas relativamente à postulação de que **Raging Bull** é o melhor filme de Scorsese, como se dizia na altura em que se estreou. Claro que os termos de comparação são, hoje em dia, outros: pensamos em **Mean Streets** e **Taxi Driver**, sim, mas também em filmes posteriores, como **The King of Comedy** (1982), o fabuloso **After Hours** (1985), o controverso **The Color of Money** (1986), o ultra-controverso **The Last**

Temptation of Christ (1988), **New York Stories** (1989), **Goodfellas** (1990), **Cape Fear** (1991), **The Age of Innocence** (1993), **Casino** (1995), **Kundun** (1997), **Bringing Out the Dead** (1999), **Gangs of New York** (2001), **The Aviator** (2004). E por muito provocador que tal possa parecer, será lícito afirmar que todos estes títulos representam., em muitos aspectos, uma melhoria sensível em relação a **Raging Bull**. E isto não diz tanto respeito à forma de filmar, ou ao modo de contar uma história, direcção de actores, caracterização das personagens (a de Joe Pesci, por exemplo, tem muito mais consistência em **Raging Bull** do que em **Goodfellas**), etc. O problema é mais o que é filmado, a história que é contada e as personagens em si que a integram e corporizam. Por muito que Scorsese tenha querido fazer da história de Jake LaMotta um percurso quase místico de ascensão, queda e redenção, não conseguiu dar ao monstro humano incarnado pelo inchado De Niro o interesse humano que justificasse um tratamento fílmico tão intensamente... espiritual (não é devaneio de um crítico desvairado: a citação bíblica está lá no final para todos lerem).

Jake é uma personagem cuja existência autónoma e auto-definição como "pessoa" está directamente relacionada com a violência. É aos murros e à bofetada que ele se exprime: é lutando em público que ele se realiza como pessoa e como profissional, é dando bofetadas na mulher que ele conduz a sua vida emocional; nem o irmão (porventura a pessoa de quem ele gosta mais) escapa à agressão dos seus socos. Até que ponto é que o abandono por parte de Vickie e de Joey não comprovam, no final, o total vazio humano que Jake representa? E o que dizer da ironia suprema de o "touro enraivecido" acabar os seus dias (após um período na prisão – um dos momentos mais magistrais do filme) como comediante com uma falta de graça confrangedora? Não será que Scorsese exagerou um pouco com a citação bíblica do final, a que verbaliza a tal "redenção" que constitui, supostamente, o fim do percurso de Jake? Claro que estas perguntas não têm qualquer resposta inequívoca, e o facto de terem sido colocadas já denuncia reservas em relação ao filme que estiveram presentes neste texto desde o início.

Mas **Raging Bull** é sem dúvida um *tour de force* cinemático e ninguém lhe pode negar o seu estatuto de obra de arte. Robert De Niro tem um dos melhores papéis da sua carreira e a convergência que se dá no filme do ambiente do *filme negro* (sequência fabulosa no Copacabana, quando Jake observa Vickie a cumprimentar os amigos de outrora), das paranóias de um Otelo (que, como notou Steve Jenkins no *Monthly Film Bulletin*, se transforma no final na personagem de Jannings de **Der Blaue Engel**) e da veracidade exigida por um *biopic* é deveras notável. Um grande filme para os grandes fanáticos da obra de Scorsese. Para os menos fanáticos... resta, pelo menos, o reconhecimento de que um filme pode ser grande mesmo que o amor por ele não o seja .

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.